

Buarque de Hollanda, Bernardo Borges. *A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: Uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do Jornal dos Sports (1940-1980)*.

A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: Uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do *Jornal dos Sports* (1940-1980)

Bernardo Borges Buarque de Hollanda
(FGV-CPDOC)

O presente artigo alinhava argumentos que procuram demonstrar o surgimento e a constituição de subgrupos torcedores no interior do futebol no Rio de Janeiro, a partir do advento e da afirmação do profissionalismo esportivo na década de 1940. A base para o levantamento foi o Arquivo Histórico do *Jornal dos Sports*, por meio da consulta sistemática às suas publicações impressas durante os anos de 1960, 1970 e 1980.

As fontes de pesquisa utilizadas foram as matérias da imprensa relacionadas ao torcedor de futebol e às torcidas organizadas, em particular as chamadas Torcidas Jovens. Isto porque estas torcidas, surgidas no final dos anos 1960, são ainda hoje as principais representantes nas arquibancadas dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro – Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo – e têm a adesão de milhares de jovens de diversas classes sociais e regiões da cidade e do país. Por outro lado, na atualidade, trata-se dos grupos identificados pela opinião pública como os maiores responsáveis por promover e incitar a violência no futebol, o que lhe vale a pecha de vândalos, baderneiros e arruaceiros.

É possível constatar na atualidade um número razoável de dissertações na área de Sociologia e Antropologia sobre o tema. Aspectos como rituais de iniciação, simbolismo, identidade juvenil, estilos de vida na metrópole, subculturas urbanas foram explorados nestes estudos monográficos, alguns deles premiados em associações nacionais de pós-graduação (Toledo 1996; Teixeira 2004).

O que se busca a seguir é mostrar, com base em estudos históricos sobre imprensa e crônica esportiva, – a inspiração é a trilogia organizada pelo historiador inglês Peter

Burke acerca da História Social da linguagem (Burke, Porter 1997) –, a gênese de um subcampo do mundo do futebol. Trata-se das Torcidas Jovens, subgrupos organizados de torcedores, cujo surgimento se deu na conjuntura histórica da ditadura militar no Brasil, entre os anos de 1967 e 1970.

Procura-se entender a dinâmica histórica que engendrou a eclosão desses agrupamentos juvenis. O argumento central, apresentado na segunda parte deste texto, é o de que as associações de torcedores encenaram uma luta pelo poder dentro do clube e dentro do universo torcedor, ao procurar se legitimar a partir de embates geracionais com os líderes das torcidas antigas. Estas, autodenominadas Charangas, haviam constituído a primeira geração de torcidas organizadas no Brasil, ao despontar no início dos anos 1940.

Outra encenação político-simbólica protagonizada pelas Torcidas Jovens ocorre no jogo de forças existente no interior dos clubes, por meio de conflitos com dirigentes esportivos, alguns deles considerados de mentalidade e prática amadoras, pelos meios de comunicação. A contestação à figura do presidente do clube leva não apenas a um processo de autonomização das torcidas, como ao questionamento da autoridade presidencial e ao desejo de reivindicação dos torcedores por mudanças de técnico e de jogadores. O apoio incondicional ao clube, marca registrada das primeiras torcidas organizadas, passa a ser questionado, com o direito à demonstração da insatisfação por parte dos jovens torcedores.

O procedimento adotado foi a leitura sistemática do principal periódico esportivo da época no Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports*, do jornalista Mário Filho. As publicações veiculadas entre os anos de 1967 e 1984 foram acompanhadas dia a dia. Para um escrutínio metódico e científico, foram divididas e sistematizadas as notícias sobre os torcedores em seis partes principais, segundo a estrutura de informações do jornal: 1) as manchetes de primeira página; 2) os editoriais; 3) as reportagens especiais; 4) a

cobertura diária dos clubes; 5) a parte visual, incluindo charges e fotos; 6) a seção de cartas dos leitores.

Em princípio, as cartas parecem ser a parte menos importante na hierarquia do jornal. Outrossim, elas se afiguraram estratégicas no presente trabalho, revelando-se um espaço de comunicação efetivo dos torcedores entre si, uma espécie de fórum de discussão, com a divulgação pública das atividades das torcidas no seu dia a dia.

No *Arquivo Histórico* do jornal, houve ainda a possibilidade de acesso a um grande número de fotos publicadas – e não publicadas – acerca dos torcedores, com a descoberta de fontes inéditas e informações pouco acessíveis. Foram identificadas várias pastas sob a rubrica “Torcidas”, nas quais se percebem algumas relações de bastidor entre jornalistas e lideranças de torcedores, que não aparecem noticiadas no jornal, mas que elucidam mediações e espaços dados às torcidas naquele momento.

Mais do que mera fonte de informação, trabalhou-se, pois, com os periódicos como construtores sociais da realidade, na linha dos estudos de história da imprensa (Barbosa 2007), desenvolvidos nas áreas de comunicação social e de ciências sociais. Considera-se o jornal não somente uma fonte, como um ator social estratégico na formação e na construção da imagem desses grupos. Em particular o jornal do empresário Mário Filho (1908-1966), o *Jornal dos Sports*, criado em 1931. No seu periódico, as diretrizes pedagógicas do esporte vinham conectadas seus interesses de fundo comercial. Isto fazia o jornal adotar a estratégia de valorizar o público, a opinião da torcida e a figura do torcedor, ao mesmo tempo em que havia a consciência de ser o próprio também o seu público consumidor.

O levantamento seriado de informações no jornal permitiu a identificação de três momentos principais das “Torcidas Jovens”, que correspondem ao período histórico-político estudado, tal como será apresentado na segunda seção deste artigo: a) O primeiro momento é ano de 1968; b) O segundo vai do Ato Institucional número cinco

(o AI-5) a meados da década de 1970, durante os chamados “Anos de Chumbo” da ditadura militar; c) O terceiro abrange o “Tempo das Aberturas”, que se estende do final dos anos 1970 ao início dos anos 1980.

Procura-se captar as homologias entre cada uma dessas conjunturas históricas e almeja-se com isto compreender a morfologia histórica das torcidas organizadas nos respectivos períodos.

Assim, num primeiro momento, a imagem desses grupos tem um sentido de identidade juvenil ligada à ideia de vanguarda e de contestação. Num segundo momento, a torcida aparece como um espaço “hedonista”, isto é, uma forma de reunião e convivência voltadas para a diversão, o que inclui as transgressões e as músicas obscenas nas caravanas de viagem. Em um terceiro momento, as torcidas se articulam como instância de organização e de reivindicação no mundo do futebol. Em pautas que se assemelham às dos sindicatos – demanda por direitos usurpados – e às das ligas das Escolas de Samba – sociabilidade, lazer e concorrência –, as torcidas se desenvolvem tendo por modelo estes tipos associativos, consoante aquele contexto da vida nacional.

Com base nos traços mais gerais das torcidas, tais como elas aparecem retratadas pela imprensa, evidencio a seguir, de forma panorâmica, de que maneira esse processo foi engendrado. Deste modo, são três partes principais. A primeira é dedicada à figura do torcedor, em especial a um personagem específico, o chefe de torcida; a segunda parte retrata o painel histórico de surgimento das Torcidas Jovens, tal como escandido acima; o terceiro e último procura evidenciar as propriedades simbólicas e materiais – linguagem da violência, repertório musical, sociabilidade juvenil por meio das caravanas de viagem – que caracterizam tais agremiações e que foram construídas ao longo do tempo.

1. A invenção do “chefe de torcida”

Como é relativamente sabido, o surgimento do futebol no Brasil remonta à virada do século XIX para o século XX. Em seus primórdios, tratava-se apenas de uma prática destinada a filhos da elite endinheirada brasileira (Pereira 2001). Com o passar dos anos, dir-se-ia muito rapidamente, já na década de 1910, tal atividade esportiva passou a ser associada a um público específico: aquele que se interessava pelo jogo e, para isto, buscava acomodar-se no entorno dos campos, quando estes eram acessíveis. Com a institucionalização do futebol, transformado em atividade profissional e em esporte de espetáculo na década de 1930, os estádios de grande porte foram construídos.

A ausência de referenciais prévios e de uma linguagem própria da crônica esportiva fez com que esse público fosse inicialmente associado a discussões teóricas mais amplas, acerca da figura do espectador no esporte. O debate era antigo e remontava por sua vez ao conceito de espectador nas artes. Em particular, a ideia de catarse no teatro e seu peso na tradição ocidental, desde *A poética*, de Aristóteles. Nele, a catarse – expurgação das emoções – é a matriz explicadora da função da tragédia grega.

No período áureo do Império Romano, a imagem das diversões plebeias, resumida no famoso lema *panis et circensis*, também vai contribuir para embasar o que vão ser mais tarde expressões e funções definidoras do futebol no imaginário social. Não seria o caso aqui de fazer listas exaustivas. Bastaria citar expressões correntes do jargão popular, como “válvula de escape”, “ópio do povo” e “alienação das massas”. Estas seriam incorporadas ao vocabulário dos espetáculos esportivos, à medida que o futebol se expande na cidade. Sua apropriação pelas classes populares será decisiva, com a perda do seu caráter elitista de distinção.

De um ponto de vista histórico, é justamente a plateia dos esportes populares que vai inverter a imagem passiva do espectador das artes aristocráticas e burguesas, em

particular aquelas desenvolvidas na Sociedade de Corte europeias, dos séculos XVII e XVIII, conforme mostraram o sociólogo alemão Norbert Elias e seu discípulo Eric Dunning (1995). Este se atém às regras de etiqueta nos aplausos da plateia quando da execução de uma música clássica em um teatro ou em uma sala de ópera.

No século XX, o advento de esportes como o boxe, tão admirado por Bertolt Brecht na Berlim da República de Weimar, durante os anos 1920 (Bornheim 1992), faz a plateia assumir uma imagem ativa, de influência, participação e intervenção na dinâmica do jogo. A estrutura de seu enredo é aberta, o que dá margem a uma indefinição que estimula a interferência do público. Com fim desconhecido pelos próprios protagonistas, ao contrário do teatro, o jogo imprimiu aos espetáculos esportivos essa dimensão participativa.

Um acompanhamento e uma análise da linguagem da imprensa esportiva exemplificam tal mudança de sentido. De início, o público de futebol no Brasil era conhecido inicialmente pelo termo “assistência”, analogia à expressão do teatro “audiência”. Assistência consistia tão-só naquele que contempla o jogo. Pouco a pouco, a participação e a atuação do público futebolístico durante as torcidas – por meio de comentários, gritos, aplausos contínuos – transformam a condição de passividade. A década de 1920 vai ratificar a mudança, com o aparecimento da palavra “torcedor”.

Quando de seu surgimento, o termo ainda conservava uma imagem de nobreza. Cunhada pelo cronista Coelho Neto, escritor da *belle époque* carioca, a palavra designa aquele que torce. Mais precisamente: aquele que torce o lenço que porta nas mãos. A imagem é constituída a partir de um público feminino, que retorce o adereço de pano nos momentos de aflição do jogo e que, com efeito, contorce também o próprio corpo. A torcedora expressa em sua vivência corporal o que se passa nas incertezas do campo de jogo.

Em seguida, é possível acompanhar também o aparecimento da figura do representante dos torcedores, personagem ausente nos primórdios elitistas do futebol. Pode-se observar, com especial atenção, a emergência de um tipo particular na imprensa esportiva: o chefe de torcida. O chefe de torcida vai ser de fato um dos principais personagens do “enquadramento moral” do esporte, tal como denomina Luiz Henrique de Toledo (2002) para a Era Vargas, e que está presente no jornal de Mário Filho.

Assim, na década de 30, o representante dos torcedores é conhecido inicialmente através de uma metáfora diplomática: o “embaixador”. No futebol do Rio de Janeiro, o embaixador era um torcedor, representante de um clube, eleito por votação pelos leitores do jornal. O mais votado era enviado como representante da torcida brasileira nas Copas do Mundo que se iniciavam naquele decênio. Em 1938, por exemplo, dois “embaixadores” ganham viagem para representar o Brasil e assistir à Copa do Mundo na França, após serem escolhidos por concurso do *Jornal dos Sports*.

No início da década de 1940, esses líderes se institucionalizam. O decênio assinala a aparição das Charangas e das Torcidas Organizadas. Neste momento, o representante da torcida passa a ser chamado de “chefe” pela imprensa. Tal nomenclatura era uma extensão das figuras de autoridade e disciplina presentes em outras esferas da sociedade naqueles tempos: chefe de polícia, chefe de família, chefe de Estado, chefe de repartição, entre outros nomes correntes.

Com base nas matérias realizadas pelo jornal, é possível acompanhar alguns elementos biográficos dos primeiros líderes de torcedores no Rio. Em primeiro lugar, eram quase todos imigrantes, vindos do interior de Minas Gerais (como Tarzã, do Botafogo), de São Paulo (como Paulista, do Fluminense) ou do Nordeste (como Jaime de Carvalho, do Flamengo), oriundos em sua maioria das classes populares. Vejamos a medida de seu altruísmo, segundo o relato de um cronista, que trata da líder do Vasco:

Atualmente é a única mulher que comanda uma torcida de futebol. E o coração feminino torna-se desmedidamente grande na devoção. Oferece muito e, não raro, em troca de nada. Dulce Rosalina confirma essa verdade. Sua paixão pelo Vasco da Gama encerra algo de belo, idolátrico, imorredouro. (Carvalho 1968: 228)

O perfil socioeconômico das lideranças de torcedores do Rio os contrapõe aos líderes das torcidas uniformizadas na São Paulo de então. Estes são, majoritariamente, quadros provenientes dos clubes e, portanto, das elites paulistanas da época. Um dado a ser mencionado é que, em São Paulo, as Torcidas Uniformizadas nascem a partir das viagens dos estudantes das Faculdades de Direito para os Estados Unidos. Em depoimento de Alberto Helena Jr, citado pela pesquisadora Elizabeth Murilho da Silva (1999), nos EUA eles conhecem a força dos esportes universitários e importam para São Paulo o tipo de apoio e animação das plateias norte-americanas.

Da primeira geração de chefes de torcida que apareceu no futebol carioca, o personagem mais conhecido foi Jaime de Carvalho (1912-1976). Baiano, radicado no Rio de Janeiro em 1927, foi durante toda a vida funcionário público do Ministério da Justiça, onde era agente de portaria. Em 1942, criou a Charanga do Flamengo, torcida que dirigiu até 1976, ano de sua morte. Em 1950, ele tornou-se conhecido na cidade como chefe da torcida da Seleção Brasileira na Copa do Mundo, realizada no Brasil. Com o patrocínio de Mário Filho, ele viajou ainda para a Copa da Suíça, em 1954, e para a Copa da Alemanha, em 1974, dois anos antes de morrer.

Provenientes das classes populares – pedreiros, serventes, funcionários de baixo escalão –, os chefes de torcida dos anos 1950 vão ser reconhecidos pela modéstia econômica e pelos trajes pitorescos nos estádios: um sino, uma corneta, um apito, uma

bandeira, algum objeto ou adereço que o torna exótico e digno de atenção. Em razão disto, na primeira fase do profissionalismo no Brasil, entre os anos 30 e 60, os chefes de torcida seriam alvo de exaltação por parte dos cronistas. Eles serão vistos como expressões autênticas da paixão clubística, encarnando virtudes cristãs – simplicidade, altruísmo, doação e sacrifício.

Veja-se mais um exemplo. Após a menção a uma lista de lideranças da torcida do Fluminense, citado pelo cronista Paulo Coelho Neto, que assim diz:

...são células do gigantesco corpo do 12^a jogador do Fluminense que, não raro, com seu estímulo desinteressado, contribui para que uma derrota iminente se transforme em uma vitória consagrada; que suporta estoicamente o sol abrasador ou a chuva diluviana; que passa o dia inteiro fora de casa, privando-se de alimentação substancial e suportando todas as dificuldades de trens, bondes e ônibus superlotados; enfim, que vibra, exulta ou sofre com a vitória dos quadros tricolores (Coelho Neto 1952: 401).

O discurso humilde, da tradição franciscana do cristianismo, está presente no texto de cronistas esportivos, quando romantizam e falam desses torcedores. O altruísmo será a sua marca registrada.

Os chefes de torcida tinham assim uma dupla missão no campo do futebol. Uma era pedagógica: cooperar com a polícia no sentido de organizar as massas no espaço público das arquibancadas cada vez maiores. O estádio das Laranjeiras fora construído para acolher 20 mil torcedores, enquanto o de São Januário comportava o dobro, 40 mil. O Maracanã, inaugurado em 1950, foi a arena de maior magnitude, com capacidade para até 155 mil espectadores, segundo números oficiais.

A outra missão do chefe de torcida era a de representar a quintessência da pureza amadora no futebol, naquele universo cada vez mais profissionalizado e mercantilizado. Embora a expressão “chefe de torcida” vá perdurar até a década de 1980 – variando para líder ou presidente anos depois –, seu significado vai se transformar consideravelmente a partir dos anos 1960.

A visão romantizada do cronista vai sofrer um revés nessa segunda fase do profissionalismo, justamente quando surge o Campeonato Brasileiro, as transmissões televisivas e as Torcidas Jovens. Da parte dos cronistas, a apologia vai se transformar em indignação, à medida que o cenário se transforma e que as brigas se intensificam. No final dos anos 1960, as lideranças torcedoras se multiplicam em cada clube. Quebra-se a autoridade do chefe dos anos 1940 e o princípio até então estabelecido: um clube, uma torcida, um chefe. Novas lideranças, com novos perfis e novos interesses, aparecem. Com o tempo, aos olhos dos cronistas, esses líderes se chocam com o *etos* amador, considerado até então intrínseco à condição do torcedor.

A pureza e a abnegação cedem lugar à ambição, ao desejo de se beneficiar econômica e financeiramente. Os chefes de torcida vão estabelecer um tipo de relação ambígua com os dirigentes, conhecidos pelo epíteto pejorativo de cartolas. Os chefes obtêm destes benefícios políticos e econômicos. Em contrapartida, oferecem proteção e apoio na política interna dos clubes. Ocorre uma espécie de “corrosão do caráter” do torcedor. Antes simples, ingênua e amadora, com a passagem dos anos essa visão é corrompida pelo avanço das relações profissionais e monetárias no futebol.

Assim, de preservador da ordem nas arquibancadas, o chefe de torcida torna-se o promotor de desordens. Sua participação na vida política do clube, como uma espécie de capanga ou guarda costas dos dirigentes, mostra a degradação de seu sentido original. Um cronista ilustra de maneira exemplar o argumento:

Vai longe o tempo em que a arquibancada do Maracanã era um grande e alegre baile animado pela charanga rubro-negra do Jaime ou o talo de mamão do vascaíno Ramalho. Torcida organizada agora, como tudo o mais que nos cerca, também é foco de violência. Os gols são cada vez mais raros no gramado, e os torcedores aproveitam o tanto tempo morto para se agredirem. Jogam morteiros nos jogadores, fazem estripulias mais associadas às páginas policiais do que à crônica do antes fidalgo esporte bretão. Eles dizem que embelezam o espetáculo com suas bandeiras coloridas e gritos, que acompanham o time nos estádios mais afastados e que se batem contra o aumento de ingressos. As famílias, no entanto, querem distância desses ‘anjos’ – e cada vez se afastam mais dos estádios. Jornalistas e diretores de clubes acusam os chefes de torcida de profissionalismo e de se utilizarem do cargo para a promoção pessoal. Foi esse roteiro tenso, de arquibancadas onde a paixão precisa cada vez mais de cordões policiais para civilizá-las, que os repórteres Mauro Ventura, Sidney Garambone e Marcelo Gomes encontraram nos estádios cariocas e trouxeram para a capa desta edição. Hoje tem Fla-Flu. Cuidado. (Santos 1988: 11)

Ao observar essa inversão de tratamento do jornalista para com o torcedor, variando da exaltação à condenação, pode-se perceber que tal debate não se confina apenas ao domínio do futebol. Ainda que implicitamente, a polêmica tem conexões diretas com a vida social e remete a uma longa tradição de discussão do Pensamento Social brasileiro. Elas remontam aos chamados “intérpretes do Brasil”, ao caráter do homem brasileiro e à formação do Estado e das instituições nacionais.

Embora não afirmados nos termos acadêmicos, o diagnóstico dos jornalistas a respeito da crise moral do futebol, expresso também no caso do comportamento das torcidas, pressupõe a ideia do 'atraso' ibérico-americano, diante do mundo nórdico anglo-saxão. Na discussão weberiana sobre a cultura brasileira, feita por Sérgio Buarque, Raymundo Faoro e Roberto DaMatta, entre outros, este fundo arcaico resultaria de uma "química perversa", conforme sugere o antropólogo Luís Eduardo Soares (2000: 34).

A referida química, segundo o autor, é fruto da combinação entre uma via autoritária de desenvolvimento do capitalismo e um modelo cultural hierárquico legado pelo colonialismo português. De modo esquemático, pode-se dizer que a hierarquia entre superiores e inferiores, base jurídica do mundo colonial, não desaparecerá com a introdução das relações horizontais capitalistas, democráticas e republicanas. Nas cidades, a onda modernizadora não abole a *lógica do favor*, isto é, o favorecimento pessoal com base em critérios não-universais, segundo a conveniência das partes e os seus interesses escusos.

A mistura do público com o privado se evidencia não somente em nível institucional, mas, sobretudo, no âmbito dos costumes e do cotidiano. O senso-comum dos jornalistas vai incorporar ao seu discurso uma versão do tal "dilema brasileiro". Na relação entre dirigente-chefe de torcida, eles vão detectar a *cultura política* do beneficiamento pessoal em detrimento do bem-comum. Esta "cultura" seria um dos entraves para o desenvolvimento da cidadania e do capitalismo no país, baseado numa longa tradição de violência, fraude e nepotismo.

No campo da linguagem esportiva, tal discussão será colocada em termos de oposição amadorismo/profissionalismo. Ela pode ser exemplificada na relação ambígua e dependente entre esses dois personagens do futebol. A tutela e cooptação do chefe de

torcida pelo dirigente de clube refletem uma relação de hierarquia entre quem está na base e quem está no topo da pirâmide.

O clube de futebol torna-se uma instância de expressão da identidade nacional, com suas virtudes e vícios. Fundados por imigrantes europeus e por famílias aristocráticas no início do século XX, os clubes do Rio crescem com ajuda do governo, que lhe concede terrenos na zona sul na cidade. Os clubes serão assim os portadores dos valores e das controvérsias da sociedade mais abrangente.

Ainda que não explicitassem, ou não o soubessem de modo consciente, os jornalistas repetiam à sua maneira certos diagnósticos dos 'intérpretes do Brasil'. Sua posição no campo – são os especialistas, como define Bourdieu (1983) –, permite aos comentadores esportivos denunciar as alianças obscuras entre chefe de torcida e dirigente. Determinados jornalistas justificam com isto a defasagem nacional ante o modelo gerencial do futebol europeu, racionalizado e burocratizado.

Ao falar da incapacidade de implantar uma mentalidade profissional no futebol brasileiro, estavam falando das dificuldades de adoção de uma "ética protestante" e de um "espírito capitalista" no país.

2. A invenção das Torcidas Jovens

Apresentado o personagem do torcedor, tal como descrito pela imprensa de maneira diacrônica, entre os anos 1940 e 1980, a segunda parte deste artigo concentra-se em apontamentos históricos sobre a constituição das Torcidas Jovens no Rio de Janeiro, entre fins dos anos 1960 e início dos anos 1980. Continua-se a utilizar mais uma vez o periódico do *Jornal dos Sports*, para o acompanhamento da formação dessas agremiações. Parte-se aqui, diretamente, de algumas pistas sugeridas no ensaio do antropólogo José Sérgio Leite Lopes sobre Mário Filho (1994: 64). A ideia é retomar e

dar continuidade à 'intriga' por ele descrita a respeito da família Rodrigues, com o prolongamento da discussão para o âmbito da formação de um público futebolístico na cidade do Rio.

A trama gira em torno do drama familiar, narrado originalmente pelo jornalista Rui Castro na biografia do irmão de Mário Filho, Nelson Rodrigues (Castro 1992). De origem pernambucana, os irmãos Rodrigues ficaram conhecidos não apenas por reportar a notícia, mas também por criá-la e por ser tragicamente alvo dela.

Isso aconteceu no final dos anos 1920, com o assassinato do repórter, e promissor artista plástico, Roberto Rodrigues, na redação do jornal do pai, após mais uma matéria sensacionalista divulgada no jornal contra uma senhora da elite carioca. Meses depois, o pai do jovem assassinado, Mário Rodrigues, falece por motivos de doenças. Em ensaio seminal, Leite Lopes retrçou a biografia de Mário Filho e mostrou a sua capacidade de reabilitar socialmente a família através dos esportes e da imprensa esportiva.

Para valorizar o jornalismo esportivo, espaço até então secundário no meio, investiu de início na seção de Esportes do jornal *O Globo*. Depois apostou na compra de um periódico inteiramente especializado em esportes, segundo a tradição de jornais esportivos na Itália e na França. Atuou ainda na defesa e promoção do profissionalismo no futebol, com a entrada de jogadores negros e operários nos grandes clubes. A análise de José Sérgio vai de 1936, quando o jornal é comprado, até o falecimento do jornalista em 1966, logo após a Copa do Mundo da Inglaterra.

Em sequência, o recorte temporal adotado dá prosseguimento à trama, com a ampliação da narrativa sobre o jornal após a morte de Mário Filho. Mário Júlio Rodrigues é o único herdeiro de Mário Filho. Ele vai dar continuidade ao projeto comercial do pai. Mário Júlio deu prosseguimento, por exemplo, o *duelo de torcidas*, concurso que seguia o modelo de avaliação das Escolas de Samba: um júri formado de cronistas julgava as torcidas segundo quesitos como animação, originalidade, fantasia,

percussão, entre outros. O desfile das Escolas de Samba e o duelo de torcidas foram ambas invenções saídas dos jornais de Mário Filho.

No final dos anos 1960, o filho de Mário Filho enfrentava crises financeiras na gestão do jornal. Somava-se a isto a repressão da ditadura militar, mais intensa na censura e perseguição após o decreto do AI-5, em 13 de dezembro de 1968. Além disto, Mário Júlio teve de enfrentar novas tragédias familiares, como o suicídio da sua mãe, Célia Rodrigues, um ano após a morte do marido, Mário Filho.

Naquela conjuntura, porém, o poder simbólico da juventude já era uma realidade nacional e internacional e se fazia presente também no futebol e nas arquibancadas. Como inovação que se inspirava no exemplo paterno, Mário Júlio vai incorporar a ‘onda jovem’ ao discurso editorial e à estratégia comercial do jornal. Isto porque os estudantes e os jovens de uma maneira geral eram os seus principais leitores.

O *Cor-de-Rosa*, como era popularmente conhecido o *Jornal dos Sports*, se autoproclamava “o jornal do Poder Jovem”. O periódico procurava se colocar ao lado dos estudantes, com a divulgação de notícias das passeatas e das assembleias do movimento estudantil. Dava espaço também à área cultural – música, teatro, cinema, ciência, televisão, artes plásticas. Com isso, ultrapassava a simples etiqueta de um jornal esportivo, a fim de incorporar públicos mais amplos.

Naquele fim dos anos 1960, era um jornal que contratava artistas e jovens jornalistas, como Henfil, Zuenir Ventura, Jaguar, Torquato Neto, Ana Arruda Callado, que mais tarde se revelariam figuras importantes da cena cultural brasileira. Tratava-se de um veículo aberto, de livre-experimentação para aspirantes das faculdades de jornalismo que então surgiam. Foi assim que apareceu no *Cor-de-Rosa* o encarte *O Sol*, um dos emblemas da geração de 1968, retratado na música de Caetano Veloso, “Alegria, alegria”.

Em um de seus anúncios, o encarte dizia:

Gente jovem faz um jornal jovem. Toda força, todo poder inventivo, todo espírito de luta da juventude está nas páginas do Sol. É uma visão nova do mundo. É um conceito novo de jornal. Há centenas de anos dizem que o Sol nasce para todos. Agora isso é realmente certo. Sol nasce para todos. E Você verá que de fato há tudo de novo sob o sol.

*

Em apenas um mês o SOL tornou-se o veículo do pensamento jovem brasileiro. Afirmando com coragem, defendendo os interesses nacionais, analisando os problemas com independência e isenção, a jovem equipe de universitários conduzidos por experientes jornalistas fez do SOL um novo padrão de jornalismo moderno. E agora, em homenagem aos jovens que contribuem para levar o Brasil pra frente, o SOL elegerá os 7 JOVENS de OURO, aqueles que mais se destacaram nos campos: universitário, empresarial, técnico, científico, artístico, econômico, político. SOL, uma visão jovem do mundo.

*

O poder cultural. O poder social. O poder político. Desde o fim da última guerra o mundo passou a assistir, impotente, à rebelião da juventude. Os elementos desencadeados pela própria guerra, os vinte milhões de jovens sacrificados na carnificina foram suficientes para que os jovens aspirassem, dali por diante, a hegemonia no processo do desenvolvimento social. (...) A década de 60 se fixará na história como os anos da revolução dos jovens. (Jornal dos Sports 1967: 5).

O periódico fazia circular também muitas ideias no âmbito cultural, com a difusão de livros, filmes e pensamento de intelectuais brasileiros e estrangeiros. Falava-se dos filmes de Glauber Rocha, dos poemas de Ferreira Gullar, das inovações terapêuticas de Nise da Silveira e do discurso de Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras. Comentava-se a Geração Paissandu, a Cinemateca do MAM e a *Maison de France*. Citavam-se as obras de Roland Barthes, Otto Maria Carpeaux e Claude Lévi-Strauss.

Essa estratégia de interação com o público juvenil ligado à cultura e aos esportes levou a uma descoberta. Inspirado no paradigma indiciário do historiador italiano Carlo Ginzburg (1989), é possível perceber a ligação entre o jornal – difusor sistemático da “rebelião juvenil” no Brasil e no mundo – e o surgimento do nome *Torcidas Jovens*. É durante o ano de 1968 que surgem essas torcidas dissidentes no Rio de Janeiro.

A inspiração do slogan internacional *Poder Jovem* vai ser mediado pelo próprio *Jornal dos Sports*. Na leitura do jornal, fica evidente o favorecimento, a simpatia e a cobertura do jornal não apenas aos estudantes, mas a essas *Torcidas Jovens*, com reportagens que destacam sua atuação.

Assimilando parte da efervescência da época, torcidas como o *Jovem-Flu*, o *Poder Jovem* do Flamengo e o *Poder Jovem* do Botafogo nasciam sob o signo da rebeldia e da contestação juvenil. Se as Charangas e as *Torcidas Organizadas* se restringiam ao princípio de “apoio incondicional” ao time, suas dissidências, as “*Torcidas Jovens*, criticavam os dirigentes, questionavam o desempenho das equipes e punham em xeque a atuação do antigo chefe de torcida do mesmo time. Com isto, invertiam a concepção inicial de torcida organizada até então, vaiando, fazendo passeatas e protestos.

Em 1968, no Maracanã, as torcidas repetiam slogans do movimento estudantil, com gritos de: “a torcida organizada derruba a cachorrada”. Como os estudantes nas passeatas estudantis, fizeram enterros simbólicos dos dirigentes, onde cantavam: “*Jornal dos Sports*, de grande expressão, Jorge Veiga Brito, depressa no caixão”. Veiga Brito era

o presidente do Flamengo, deputado da ARENA e conhecido pelos torcedores como “Coveiro do Fla”, desde que um repórter do *Jornal dos Sports* assim o chamou, em uma série de matérias publicadas no segundo semestre de 1968, com críticas contundentes à sua administração.

“Gente que compõe a Torcida Jovem do Flamengo, aquela que discorda de tudo que é feito no clube pelos Srs. Veiga Brito e Gunnar Goransson, esteve no JS para cumprimentar o repórter Marco Aurélio pela ‘brilhante série de reportagens que fez sobre os Coveiros do Fla’. José Barbosa Viana, Reginaldo Mota e Gilberto Resende Correia, os mais velhos e líderes de um grupo muito grande, fizeram questão de esclarecer que, embora sócios do clube, ‘não mais irão enquanto o Flamengo não lhes der as mesmas glórias de tempos passados. E foram mais além: – Nós queremos a grandeza do Flamengo e não nos importam quem são os homens que o dirigem. Do jeito que as coisas estão, é difícil acreditar que o Gunnar e o Veiga Brito possam levantar a moral do time. Vamos sofrer muito ainda mas o nosso dia chegará. Essa diretoria é péssima e só pudemos aquilatar os erros cometidos depois da série de reportagens *Os Coveiros do Fla*.” (Jornal dos Sports 1968: 2).

Tal momento de ruptura se afigurou capital na batalha pela identidade no interior das torcidas organizadas. O perfil carnavalesco e familiar das Charangas dá lugar a um perfil juvenil/estudantil mais hegemônico, com a encenação de uma crise de gerações no interior dos grupos.

Após o AI-5, o nome *Poder Jovem* vai desaparecer do jornal e também das arquibancadas, com o esvaziamento dos protestos, que tinham um caráter

circunstancial. Só reaparecem no final de 1969, simplesmente com o nome de *Torcida Jovem*. Uma vez quebrada a autoridade do chefe de torcida, uma miríade de associações e de lideranças vai surgir na década de 70, sob a forma de dezenas e até centenas de torcidas de bairro, torcidas femininas, entre outras.

Com o surgimento do Campeonato Nacional em 1971, as torcidas organizadas passam a promover caravanas de viagem para fora do Rio, o que aumenta o seu grau de coesão e o seu nível de organização interna. Muitas participam também do carnaval, frequentam os ensaios das escolas de samba e levam os instrumentos de percussão para dentro dos estádios. Os hinos e as marchinhas dos anos 1930 dão lugar às longas letras de sambas-enredo dos anos 60.

Em 1972, Mário Júlio Rodrigues falece, em razão de problemas como o alcoolismo. Embora deixe como herdeiro seu filho, Mário Rodrigues Neto, o *Jornal do Sports* irá passar para as mãos da segunda mulher de Mário Júlio. Com a entrada da nova proprietária, as matérias de cunho artístico e cultural vão pouco a pouco desaparecer. As reportagens passam a se restringir ao cotidiano dos estudantes, com a cobertura dos preparativos para o vestibular, entre outros aspectos mais instrumentais e pragmáticos.

A viúva de Mário Júlio Rodrigues vai ficar à frente do jornal até 1980, quando uma nova crise econômica coloca o jornal em franca decadência. Este é então vendido para Arthur Sendas, empresário, dono da rede de supermercados “Casas da Banha”. Embora continue conhecido pelo slogan “o jornal de Mário Filho”, a linha editorial vai se alterar com o tempo. De todo modo, a política de apoio do *jornal* às torcidas vai continuar, com a promoção dos concursos e premiações. Ainda no final dos anos 1970, a multiplicação de torcidas vai proporcionar uma aproximação entre elas. No início de 1980, elas criam uma associação de torcedores, a ASTORJ. O jornal apoia a iniciativa, concedendo uma coluna especial para a divulgação das atividades da entidade.

A criação da ASTORJ vai resultar em uma onda de greves dos torcedores, motivadas por uma questão polêmica dos anos 80: o aumento do preço dos ingressos, derivado da alta da inflação, nos chamados “Tempos das Aberturas”. O *Jornal dos Sports* cobre em primeira página as manifestações. Os torcedores fazem greve no setor da Geral do Maracanã, além de piquetes fora do estádio e passeatas em frente à sede dos clubes.

Ao descrever esse momento reivindicativo dos torcedores, é possível associar os protestos das torcidas contra o preço dos ingressos à discussão do historiador inglês E. P. Thompson sobre a ideia de resistência e de cultura popular tradicional. As revoltas dos camponeses contra o aumento do preço do trigo na Inglaterra do século XVIII eram motivadas decisivamente pela ideia de usurpação, dentro daquilo que o autor chama de “economia moral da multidão” (1998: 152).

Pode-se considerar um decalque simplista associar os acontecimentos no mundo do futebol ao pano de fundo histórico nacional e internacional, mas chama a atenção a sintonia entre o movimento das torcidas no futebol e o contexto político da época. É justamente nesse período que o sociólogo Sérgio Miceli, por exemplo, escreve na revista *Isto É* o artigo “A força política que vem das arquibancadas” (1977), uma referência ao crescimento de importância de uma torcida como os Gaviões da Fiel, ligada ao Corinthians em São Paulo.

Essa torcida, considerada paradigmática em termos de organização administrativa interna por mais de um autor (Costa 1995: 40), vai estender num jogo contra o Santos em 1977 uma faixa em favor da “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita”, um dos lemas da sociedade civil nos estertores da ditadura militar. É possível então fazer um paralelo com a atmosfera de crescente organização dos movimentos sociais da época. Destes, tem-se em vista a reorganização dos partidos, o fenômeno das greves sindicais no ABC

paulista e o crescimento das Comunidades Eclesiais de Base (as CEBS). No âmbito do Rio de Janeiro, pode-se apontar as associações de bairro e as escolas de samba.

No correr dos anos 1980, as torcidas se distanciam do modelo reivindicativo e passam a ser associadas a grupos de vândalos e bárbaros, a gangues juvenis, na linguagem do jornalismo, não apenas esportivo, como de âmbito mais geral. O aumento da criminalidade urbana na cidade do Rio de Janeiro vai elevar o “pânico moral” da sociedade como um todo, com a difusão de notícias alarmantes sobre o crescimento da violência. No futebol, os jornalistas vão fazer das torcidas organizadas o bode expiatório para as práticas violentas e a crise no futebol. O estigma se revelará a partir daí forte e duradouro, com uma onda de distúrbios, vandalismos e violentos encontros premeditados entre os integrantes das Torcidas Jovens.

3. Torcidas organizadas: entre teorias, práticas e representações

Feita a reconstituição da dinâmica formativa das torcidas organizadas cariocas entre os anos 1960 e 1980, a terceira e última parte deste artigo explora dimensões teóricas sobre a violência torcedora e tece considerações gerais sobre o que chamo de cultura material e simbólica das torcidas de futebol. Procura-se refletir sobre o modo pelo qual os torcedores reconstróem, à sua maneira, o mundo dos valores existentes tanto no futebol quanto na sociedade.

Um primeiro ponto, incontornável no debate público desse fenômeno, articula-se às ponderações finais da seção anterior e diz respeito à questão da violência. Para tanto, algumas teorias relativas à violência podem ser aduzidas a partir do modelo arqueológico e genealógico de Foucault (1979). O filósofo francês se opõe à ideia de *origem* dos historiadores tradicionais. Ao contrário do senso-comum, a violência é vista como um princípio estrutural e estruturante da sociedade. Desde Simmel, passando por

Durkheim, a sociologia entende o conflito como elemento disruptivo, mas também integrador, tendo em vista as premissas da anomia e da coesão social, produzidas, entre outras, por mecanismos punitivos. Segundo o antropólogo Luís Felipe Baeta Neves, tradutor da obra de Foucault no Brasil: “a história, enquanto teoria mesma, não pensa o humano fora da coação, da luta, da guerra, da tortura, da dominação brutal, da fome e do desespero” (Neves 1995: 11).

Foucault, por seu turno, ao se distanciar a visão evolucionista dos historiadores, não chega a glorificar pura e simplesmente o caráter violento da condição humana, como propunha Nietzsche. Esta glorificação aparecia na vertente mais radical do movimento estudantil de 1968, quando parte dela recuperou até mesmo o pensamento de um Carl Schmitt ou de um Georges Sorel. Foucault se distanciava ademais do pensamento de Hannah Arendt, uma vez que, para ela, poder e violência eram termos antagônicos, sendo a conduta violenta apenas destrutiva e instrumental, em seus casos-limites: “A forma extrema de poder é o Todos contra Um, a forma extrema da violência é o Um contra Todos” (Arendt 1994: 35).

Junto a essas incursões de ordem mais filosófica, é possível acompanhar o discurso sociológico sobre violência entre os seguidores de Norbert Elias, da Escola de Leicester na Inglaterra. Ao contrário de Foucault, a sociologia figuracional dos eliasianos entendia o até certo ponto estranho prazer pelas brigas entre os *hooligans* a partir de sua posição e ancoragem social: jovens egressos dos núcleos duros do subproletariado britânico que, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, levavam padrões de hostilidade, emulações em torno da masculinidade e uma lógica espacial de segmentação ordenada para as tribunas dos estádios.

Segundo a explicação de Elias, o sentimento de frustração e revanche perante os “incluídos” era uma falha do projeto civilizador do Estado moderno e explicava, em parte, a violência nos estádios de futebol inglês daquele período. A *descivilização*, no

entanto, era para essa corrente algo momentâneo, própria de um tempo histórico determinado, em um caminho evolutivo em longo prazo pautado no progressivo autocontrole das emoções e de monopólio do uso da violência pelo Estado. Naquela conjuntura, entretanto, a agressividade sistemática entre as torcidas levava à criação de uma regra primária de amizade/inimizade no relacionamento intergrupos, segundo a qual: o amigo de meu amigo é meu amigo, o inimigo de meu amigo é meu inimigo, e o inimigo de meu inimigo é meu amigo.

O silogismo antepunha o critério amistoso ou inamistoso como padrão para alianças e contrastes. Os seguidores de Elias buscaram tal esquema 'tribalista' – a síndrome de beduíno – na reportagem de um jornalista inglês, em seu artigo "Soccer's Tribal Wars", publicado na revista *New Society* em 1974. Utilizou-se assim uma metáfora primitivista, o comportamento de árabes nômades do norte da África, para explicar a lógica das torcidas no futebol.

No meio esportivo, a mais enraizada teoria explicativa sobre os atos violentos das torcidas provinha da *psicologia das massas*, ou das multidões, tal como cunhada por Gustave Le Bon no final do século XIX (2008). Para muitos, esta expressão tornou-se a chave decifradora do comportamento humano em coletividades massivas. Imerso na multidão, o homem é guiado por atitudes inconscientes e irracionais, que o mesmo não praticaria na rotina individual da vida cotidiana. De acordo com um cronista do *Jornal dos Sports*, a repetir o postulado do médico francês:

Multidão em pânico não raciocina, vê apenas o perigo que o medo coletivo gera e dá dimensões irreais. Avança como uma boiada em estouro para o precipício. Não pára um instante para analisar uma ordem ou uma denúncia, simplesmente age em grupo, perdendo sua individualidade. (*Jornal dos Sports* 1971: 5)

Já o historiador Ciro Marcondes Filho pondera que a dificuldade em entender a “psicologia coletiva” resulta do fato de que a massa não é um conceito, mas uma forma de reagir diante de certos acontecimentos. Ela tende a aparecer em outros setores que não a política oficial: o fanatismo das multidões esportivas é um de seus *locus* de manifestação. Tal discurso era verbalizado pelos próprios representantes de torcida, como Hélio Silva, ex-presidente da Associação de Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo:

Não sei mais se nós, torcida organizada, somos um bem ou um mal para o futebol. Porque ninguém agride um semelhante só por vê-lo usando camisa de outro clube. Claro, estando sozinho. Estando em grupo, o indivíduo perde a razão, torna-se perigoso, cria coragem e covardia, bate num coitado com o filho pelo braço só para mostrar. Já me cansei de impedir grupos organizados dispostos a virar carros, quebrar ônibus, cercar torcedores avulso. (Apud Marcondes Filho 1986: 48).

A violência das massas se volta contra aqueles identificados por modelos fixos e ideias preconcebidas, como a dos *bodes expiatórios*. Em sua acepção original, eram cerimônias de descarregamento da raiva coletiva. Na modernidade dessacralizada, de acordo com Marcondes Filho, o *bode expiatório* se manifesta nos linchamentos, nas histerias coletivas, nas perseguições policiais, nas gangues, nos quebra-quebras, nas depredações, etc.

Ao contrário do irracionalismo dos psicólogos das massas, a tentativa de buscar uma espécie de “genealogia da moral torcedora” acompanhou um *corpus* documental bem específico: a série de cartas da coluna bate-bola do *Jornal dos Sports*.

As identidades clubísticas são a fonte dos afetos e das paixões morais do universo das torcidas. Elas são produzidas não apenas nos estádios, mas no dia a dia das cartas publicadas nos periódicos esportivos, local para discussões, onde se resolvem desavenças, marcam-se encontros reais. Ao lado da verbalização, os torcedores-escrevinhadores racionalizavam e justificavam à sua maneira as simpatias e as antipatias, as brigas e as inimizades com as torcidas adversárias. Criavam uma dinâmica particular de acusações e ameaças. A consequência era verificada nos dias de jogos e prolongada na semana posterior.

... quero focalizar os linchamentos que vêm acontecendo sob comando das Torcidas Jovens contra aqueles que caem na infelicidade de entrar na torcida errada. Moacir Spinelli Vaz.

*

Como torcedor do clube mais popular, fico triste ao ver as demais torcidas se unirem para torcer contra o meu Vasco. Em todas as partidas, urubus, pós-de-arroz e cachorrada reúnem-se para formar um complô contra o Almirante. Mas tudo tem limite e no jogo contra o Palmeiras, a torcida vascaína colocou para correr alguns mesquinhos pós-de-arroz, que chegavam a subir cinco degraus da arquibancada de uma só vez. Amâncio César.

*

Atitude das mais covardes a de um grupo de torcedores rubro-negros (urubus), quando agrediram a pontapés e pedradas, à saída do Estádio Mário Filho, o automóvel onde se encontravam a nossa colega Marly Pedroso, sua filha e mais duas crianças. Até quando continuarão estas cenas de vandalismo? Sim, porque está virando rotina ao final de cada

jogo em que participe o Flamengo, a agressão física e moral aos torcedores adversários. Gostaria que fossem tomadas providências, pois senão saberemos revidar esse vandalismo. Existe aquele ditado: quem com ferro fere, com ferro será ferido. Régis Henrique (Jornal dos Sports 1974: 2; 1968: 4; 1973: 2).

Se as relações entre os jogadores no campo eram regidas por regras universais e por um sistema de controle colocado acima dos mesmos, as relações entre os torcedores nas arquibancadas eram erigidas de maneira até certo ponto autônoma, fruto de uma cultura local e de uma moral comunicativa própria. Isto é perceptível nas cartas publicadas no *Jornal dos Sports*. Este ainda tentava se fazer de árbitro. Promovia concursos, premiava os grupos mais animados e monitorava as cartas que chegavam para a publicação em sua coluna de leitores.

A lógica dos torcedores fazia prevalecer a mimetização dos esquemas táticos, com a incorporação das categorias nativas do campo de jogo: a garra, a raça, a força, a honra. A dimensão agonística e a virilidade masculina apareciam na linguagem das cartas e na ação das torcidas nas arquibancadas.

Ao lado da violência, uma segunda dimensão transgressiva na vida das torcidas organizadas são as caravanas de viagem. As reportagens feitas pelos jornalistas evidenciaram uma narrativa dos primeiros deslocamentos coletivos sistemáticos de torcedores no início da década de 1970, no Brasil. O ato de viajar em grupo ainda era uma novidade no futebol. Ele vai se estabelecer com a criação do Campeonato Nacional. Este vai integrar os diversos estados do país, com a ampliação da escala e de enfrentamento entre os clubes.

As viagens implicam numa maior estruturação das torcidas. Elas têm a conotação de uma “missão” peregrina, com um aspecto de altruísmo e outro de hedonismo.

Produzem a coesão dos laços internos grupo. Ao mesmo tempo, apontam para a necessidade de interação com outros grupos de torcedores.

A consequência das caravanas é uma ampliação das relações entre as torcidas e o surgimento das alianças. A lógica das alianças é constituída pelo já mencionado dualismo amizade-inimizade. Este apresenta três variantes: 1) a hospitalidade ou hostilidade na recepção da torcida adversária; 2) o grau de rivalidade entre os clubes no momento; e 3) os contatos pessoais entre as lideranças de cada torcida.

Abaixo, reproduz-se a carta de um leitor do *Jornal dos Sports*, a título de exemplificação:

Solidariedade da massa: Em nome de toda a massa rubro-negra, agradeço ao chefe da charanga atleticana, o Júlio, que muito nos ajudou quando lá estivemos para o jogo Flamengo e Cruzeiro. A torcida atleticana provou que as massas são também grandes na educação e na gentileza. Mas a nota triste foi para dada pela torcida do Cruzeiro, à saída do Mineirão: fomos por ela apedrejados e não sofremos mais graças à intervenção de terceiros. Muito obrigado ao Júlio e toda a torcida do Galo. Isso serviu para que os poucos cruzeirenses que havia na torcida rubro-negra se tornassem fãs do Galo. (Mauro César, Copacabana, Rio, GB).

*

Forra: Quero dizer ao colega Mauro César que ele não foi o único atingido pela torcida cruzeirense. Por ocasião do jogo Fluminense e Cruzeiro, aqui no Rio, eu e um colega fomos covardemente agredidos, mas a massa tricolor, irritada com a derrota de 3 a 0, baixou o pau neles. Depois dessa confusão, um torcedor do Cruzeiro gritou que ia baixar o

pau nos rubro-negros lá no Mineirão. Por isso a torcida do Flamengo foi agredida em Minas. Mas isso não vai ficar assim, a massa rubro-negra vai à forra. Leonardo Loppi, Copacabana, Guanabara. (Jornal dos Sports 1969: 6)

Junto à violência e às caravanas de viagem, o terceiro aspecto crucial da cultura material e simbólica das torcidas é o seu universo linguístico e musical. Refiro-me, ainda que apenas pontualmente, à construção de uma cultura vocal dos grupos. A bricolagem constitui uma das chaves da elaboração do repertório e do vocabulário das torcidas organizadas. Os cânticos e as palavras de ordem das torcidas variam de tempos em tempos. Algumas canções são mantidas, outras esquecidas. Pode-se observar, no entanto, que elas provêm de duas fontes básicas: por um lado, o *etos* épico oriundo da tradição dos hinos marciais dos clubes; por outro, o *pathos* carnavalesco absorvido pela cultura de massas no Brasil do século XX (Wisnik 1992). Destas, é possível incluir as marchinhas de carnaval dos anos 1930, os sambas-enredos dos anos 1960 e os jingles das transmissões radiofônicas.

A técnica da paródia incorporava músicas e canções de massa ao repertório das agremiações. Percebe-se estruturalmente a presença de um elemento adaptativo e criativo das torcidas. Estes agrupamentos de torcedores constituem corpos sociais que estabelecem novas formas de comunicação por meio de cânticos, xingamentos e palavras obscenas, o que canaliza a polifonia ruidosa das praças esportivas e imprime marcas diferenciadas às massas amorfas e ao fenômeno das multidões. O espaço público dos estádios é apropriado por lógicas próprias criadas pelas torcidas, dentro da estrutura comunicativa elementar de pergunta e resposta, que revelam o seu caráter vital sempre dinâmico e instável, fluido e semovente.

Assim, conforme assinala no início dessa terceira e última parte, o sentido mais geral das torcidas pode ser reconstituído não apenas através das grandes narrativas do *Jornal dos Sports*. Ao lado das manchetes e dos textos dos cronistas, a reconstituição também pode ser feita pelo acompanhamento da pequena seção de cartas do periódico, intitulada *Bate-Bola*, na qual os torcedores deixavam seus recados e davam suas opiniões.

Como no conhecido axioma de Wittgenstein, a linguagem esportiva pode ser lida como jogo e como ato. A “prática discursiva” dos torcedores e das torcidas organizadas é reveladora de sua dinâmica emulativa e comunicativa. A seção de cartas do *Jornal dos Sports*, por exemplo, possibilita observar a troca de informações e o auto-reconhecimento dos grupos, que escreviam e se correspondiam uns aos outros.

As torcidas eram, pois, agentes de uma realidade construída não apenas nas arquibancadas, no espaço físico dos estádios, mas também no domínio da linguagem, no espaço público dos meios de comunicação de massa. Assim, mais do que simplesmente entabular uma conversa por cartas, a coluna criava uma identidade e uma comunidade linguística auto referenciada e compartilhada pelos leitores-torcedores. Os anúncios, as confraternizações, as rivalidades, os insultos, enfim, toda uma cadeia de reciprocidades era aberta pelos torcedores, naquele microcosmo e filtro da realidade social, o *Jornal dos Sports*.

Conclusão

O intento geral desse artigo foi enfeixar linhas de força de um objeto fugidio, que pode ser considerado à primeira vista inusitado para a historiografia. Se a validade do futebol como tema de investigação histórica é colocada ainda hoje sob suspeita, conforme sucedeu outrora com fenômenos não nobres e considerados triviais, tais como o clima, o

corpo e a cozinha, o que não dizer da inclusão de um epifenômeno da atividade futebolística e do profissionalismo esportivo – as torcidas organizadas –, no panorama de discussão do campo historiográfico?

Motivado por esse desafio, circunscrevi para a Primeira Parte deste texto – “A invenção do chefe de torcida” – a figura do torcedor de futebol e, em particular, do representante dos torcedores. Isto porque este se afiguraria de fato um dos principais vetores do “enquadramento moral” do periódico esportivo de Mário Filho: o *Jornal dos Sports*. Após uma discussão preliminar acerca do conceito de espectador nas artes, notadamente a sua posição no teatro tal como fixada na tradição ocidental, dediquei-me ao exame da representação do torcedor nos periódicos esportivos, com especial atenção para a emergência de um tipo particular na linguagem esportiva: o chefe de torcida.

O representante da torcida passou a ser designado como “chefe” na década de 1940, nomenclatura que mimetizava a autoridade moral presente em outras esferas da sociedade. Da primeira geração de chefes de torcida que apareceu no cenário futebolístico carioca, a personagem mais citada pelos cronistas do *Jornal dos Sports*, em especial por Mário Filho, era Jaime de Carvalho, criador da Charanga do Flamengo, que seria elevado à condição de chefe da torcida da Seleção Brasileira em torneios internacionais no país e no estrangeiro.

Oriundos em sua maioria das classes populares, os chefes de torcida daquela época, bem como vários outros torcedores conhecidos pelos trajes pitorescos e extravagantes nos estádios, seriam alvo de uma exortação por parte de muitos cronistas do *JS*, vistos como expressões autênticas e puras da passionalidade clubística, encarnando as virtudes cristãs da doação, da paixão e do sacrifício. Os chefes de torcida cumpriam assim uma dupla missão no campo da reinvenção das moralidades no futebol: uma era pedagógica, pela cooperação com a polícia no sentido da organização das massas no espaço público das arquibancadas; a outra era a de ser a quintessência da

pureza amadora no futebol, de que somente o torcedor era capaz naquele universo cada vez mais utilitarista e profissionalizado.

Embora a expressão “chefe de torcida” vá perdurar até a década de 1980, a visão romantizada do cronista esportivo vai sofrer um grande revés a partir de então, transformando-se em fonte de opróbrio e indignação. À medida que as lideranças torcedoras vão se multiplicando em cada clube, com a quebra da autoridade única e tradicional do chefe dos anos 1940 e 1950, novas práticas são introduzidas. Aos olhos dos especialistas, elas se chocam com o *etos* amador, considerado até então intrínseco à condição do torcedor.

A autenticidade, a pureza, para não dizer a castidade, cedem lugar à ambição desmedida, porquanto os chefes estabelecem muitas vezes uma interação ambígua, espécie de capangas-correligionários da política interna dos clubes, apaniguados dos dirigentes esportivos, de quem não raro extraem benefícios políticos e econômicos. Assiste-se assim a uma espécie de “corrosão do caráter” daquela figura, outrora simples, ingênua e amadora, que com o tempo é corrompida pelo avanço das relações profissionais e monetárias no futebol.

Longe de ser um fenômeno cerrado nas fileiras do futebol, sem conexões com a vida social, procurou-se mostrar de que maneira esse debate moral deita raízes em uma discussão acerca do caráter do homem brasileiro, bem como do Estado nacional, iniciado já entre o Segundo Reinado e a Primeira República. Em especial, o debate tangencia um discurso weberiano, diagnosticador do ‘atraso’ ibérico-latino, face ao mundo nórdico anglo-saxão, numa discussão em que avultam duas *personas* contraditórias: o protestante e o malandro.

A *cultura política* do beneficiamento pessoal em detrimento do bem-comum como um dos entraves para o desenvolvimento do país, que se escaldava em uma tradição violenta, fraudulenta e nepotista, e que no plano esportivo podia ser exemplificada na

relação ambígua, dependente e de obscura tutela entre o dirigente de clube e o chefe de torcida. O clube de futebol tornava-se desta maneira uma instância miniaturizada de expressão da identidade nacional, por meio da qual vazavam os valores familiares e estatais da sociedade mais abrangente.

Embora não explicitassem, ou não o soubessem de modo consciente, os jornalistas seguiam a mesma linha de raciocínio dos ‘intérpretes do Brasil’ para denunciar as alianças espúrias e para justificar a suposta defasagem nacional ante o modelo gerencial esportivo europeu. Ao falar da incapacidade de uma implementação integral do profissionalismo no futebol brasileiro, estavam falando das dificuldades de adoção de uma “ética protestante” e de um “espírito capitalista” no país.

Já na Segunda Parte – “A invenção das Torcidas Jovens” –, o texto de José Sérgio Leite Lopes possibilitou a abordagem do tema na chave da continuação da ‘intriga’ por ele descrita a respeito da família de Mário Filho. A urdidura da trama girava em torno do desdobramento das tragédias e dos dramas familiares vivenciado pelos Rodrigues, responsáveis não apenas por reportar a notícia, mas também por criá-la e, ao mesmo tempo, por ser tragicamente alvo dela.

O espectro delimitado por Leite Lopes compreendia a biografia de Mário Filho e a sua capacidade de reabilitar socialmente a família através da valorização da imprensa esportiva, em uma análise que vai até o falecimento do jornalista em 1966. Em sequência, a baliza temporal aqui adotada, por sua vez, procurou dar prosseguimento à trama, estendendo a narrativa no correr das décadas de 1960, 1970 e 1980. Por meio da leitura serial do *Jornal dos Sports*, a continuidade dada pelo filho único de Mário Filho ao projeto comercial do pai no periódico tornou possível o acompanhamento da invenção de uma série de novos eventos por parte de Mário Júlio. Este, embora seguisse a linha, o espírito e a tradição por assim dizer ecumenista do pai, teve de se adequar às

contingências econômicas e às circunstâncias histórico-políticas impostas a partir do final da década de 1960.

Mário Júlio cedo incorporaria ao discurso editorial e à estratégia comercial do jornal o mote do fenômeno juvenil, da ‘onda jovem’, que então parecia contagiante. Para isto, no final dos anos 1960, o JS era autoproclamado “o jornal do Poder Jovem”, na medida em que ele procurava colocar-se lado a lado com os estudantes e com os setores juvenis da sociedade, seja em termos de linguagem seja em termos de projeto comum.

Tal articulação era feita por intermédio de uma diversidade de matérias e críticas na área cultural – música, teatro, cinema, ciência, televisão, artes plásticas –, que ultrapassava a rubrica tradicional dos Esportes, fazendo do jornal um veículo plural e de livre-experimentação para novos articulistas. Fora assim que surgira nas páginas do *Cor-de-Rosa* o encarte mensal *O SOL*, um dos emblemas juvenis da geração de 1968, depois dos versos de Caetano Veloso terem-no “enchido de alegria e preguiça”, diante de “tanta notícia”.

Esse processo dinâmico-interativo proporcionar-nos-ia a percepção, de maneira indiciária ginzburgiana, de uma ligação entre o jornal e o fenômeno das torcidas organizadas. É no final dos anos 1960 que surgem as torcidas dissidentes no Rio de Janeiro, as Torcidas Jovens, com o rompimento do monopólio das torcidas organizadas tradicionais. Sob inspiração do slogan internacional *Poder Jovem*, que se tornara bordão do próprio *Jornal dos Sports*, estes embrionários agrupamentos de torcedores seriam favorecidos pela cobertura positiva privilegiada dada pelo JS às Torcidas Jovens.

Em virtude disto, muitas delas que nasciam sob o signo do protesto e da inconformidade, quer no que diz respeito à gerência dos clubes e ao desempenho insatisfatório das equipes, quer em relação aos chefes de torcida do mesmo time. Tal clivagem nos parece capital, um divisor de águas na formação da identidade das torcidas organizadas, que iriam se multiplicar na década de 1970, sob a forma de

dezenas e até centenas de torcidas de bairro. Sempre com o apoio do *Jornal dos Sports*, que continuaria a promoção dos concursos e das premiações, essas associações desenvolveriam tanto canais de diálogo que as aproximariam entre si quanto conflitos e rixas que as distanciariam.

Em paralelo à intensificação das brigas, as torcidas criariam no final da década de 1970 e início de 1980 uma associação de torcedores, a ASTORJ, que também teria a simpatia do jornal, com a obtenção inclusive de uma coluna especial para a informação da agenda de atividades da entidade. A iniciativa de criação da ASTORJ, embora com uma adesão limitada em razão das crescentes inimizades, resultaria em uma onda de greves dos torcedores, motivadas por uma questão de ordem bem polêmica desde o final dos anos 1960: a majoração do preço dos ingressos.

Também aqui o *Jornal dos Sports* não se eximiria de dar o seu aval às ações das torcidas organizadas, com a cobertura das manifestações dos torcedores na Geral do Maracanã ou em frente à sede social dos clubes, sob a forma de revolta, de cobrança e de pressão pela redução do valor das entradas, o que ganhava matérias, fotos e se tornava até mesmo manchete do periódico. Embora não se tenha desejado aqui fazer uma redução simplista dos acontecimentos verificados no mundo do futebol com o pano de fundo histórico nacional e internacional, é lícito reconhecer a estreita sintonia entre o movimento desencadeado pelas torcidas e o contexto político da época, sobretudo por essa atmosfera de crescente contestação que se coadunava ao “tempo das aberturas”, não apenas nos partidos e nos sindicatos, nas igrejas e nos bairros, mas também nas escolas de samba e no futebol.

Na Terceira Parte do artigo – “Torcidas organizadas: entre teorias, práticas e representações” –, o objetivo foi compreender o modo pelo qual os torcedores reconstroem, à sua maneira, o mundo dos valores existentes no futebol e na sociedade. Consideramos, de início, algumas teorias relativas ao fenômeno da violência, esteados

no modelo genealógico nietzscheano que Foucault abraçava para rechaçar a ideia de *origem* dos historiadores tradicionais. O pensador francês alinhava-se às sedutoras *filosofias da vida* de Nietzsche para entender a violência sob um modelo orgânico e, portanto, tão necessário quanto útil à existência.

Após breves incursões filosóficas, procurou-se descer um degrau na escala especulativa e cotejar tais filosofias com os argumentos sociológicos contidos no discurso dos eliasianos da escola de Leicester. Estes, ao contrário de Foucault, entendiam o até certo ponto estranho prazer pelas brigas entre os torcedores, cuja ancoragem social situava tais jovens nas classes duras do proletariado britânico, de onde só podia emanar o sentimento de frustração e revanche perante os “incluídos”, como uma falha do projeto civilizador do Estado.

Ainda no âmbito das especulações teóricas, a principal via de explicação que tivemos de enfrentar foi a genérica e lata *psicologia das massas*. Ela parecia a mais poderosa chave decifradora do comportamento humano em grupo, imerso na multidão, irrigando as mais diversas áreas e experiências da vida cotidiana, o que incluía a visão do senso comum e a percepção de muitos cronistas esportivos.

Depois de abordar a questão da violência, passou-se ao debate das formas de comunicação e de linguagem entre os torcedores. Mostrou-se que as identidades clubísticas, fonte dos afetos e das paixões morais do universo das torcidas, eram produzidas não apenas nos estádios, mas no dia a dia das cartas publicadas nos periódicos esportivos, espécie de vestibulos virtuais para os encontros reais. Ao lado da verbalização, os torcedores-escrevinhadores racionalizavam e justificavam à sua maneira as simpatias e as antipatias, as brigas e as amizades com as torcidas adversárias, de sorte que aquele fórum criava uma dinâmica particular de acusações, ameaças e congraçamentos, cuja consequência poderia ser verificada nos dias de jogos e prolongada na semana seguinte.

Quanto ao universo linguístico, a bricolagem pareceu ser o expediente mais frequente na elaboração do repertório e do vocabulário das torcidas organizadas. Se as relações entre os jogadores no campo eram regidas por regras universais e por um sistema de controle colocado acima dos mesmos, as relações entre os torcedores nas arquibancadas eram erigidas de maneira até certo ponto autônoma, fruto de uma cultura local e de uma moral comunicativa própria, perceptível nas cartas publicadas no *Jornal dos Sports*.

Na lógica dos torcedores, a mimetização dos esquemas táticos e o emprego de suas respectivas categorias nativas – a garra, a raça, a força – eram absorvidos em consonância com as propriedades existentes no jogo, em especial a dimensão agonística da virilidade masculina, que se transladava para a linguagem e para a ação nas arquibancadas e configurava estilos próprios de torcer. Assim, ao reportarmos as brigas, as viagens e as músicas de sua predileção por meio daquela coluna, foi possível apreender parte das categorias mais valorizadas e o sentido identitário estabelecido pelos integrantes e pelas lideranças de torcidas organizadas entre si.

Referências bibliográficas

Arendt, H. (1994), *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Aristóteles. (n.d), *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Barbosa, M. (2007), *História cultural da imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X.

Bon, G. L. (2008), *A psicologia das multidões*. São Paulo: Martins Fontes.

Bornheim, G. (1992), *Brecht, a estética do teatro*. Rio de Janeiro: Graal.

Bourdieu, P. (1983), *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.

Burke, P.; Porter, R. (Eds.) (1997), *História social da linguagem*. São Paulo: UNESP.

Carvalho, J. A. d. (1968), *Torcedores de ontem e hoje*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro.

Castro, R. (1992), *O anjo pornográfico – a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras.

Coelho Neto, P. (1953), *História do Fluminense*. Rio de Janeiro: n.e.

Costa, A. L. (1995), 'A organização cordial: ensaio de cultura organizacional do Grêmio Gaviões da Fiel', *Revista de Administração de Empresas*, Vol. 35, N. 6. (Nov. -Dec.), pp. 40-54.

Elias, N; Dunning, E. (1995), *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.

Flores, L. F. B. N. (1995), 'Da construção do conceito de violência', *Pesquisa de Campo: Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*, Vol. 1. N. 2., pp. 10-19.

Foucault, M. (1979), *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.

Ginzburg, C. (1989), *Mitos, emblemas e sinais: história e morfologia*. São Paulo: Companhia das Letras.

Jornal dos Sports. (1967-1984), *Historical Archives*. Rio de Janeiro.

Lopes, J. S. L. (1994), 'A vitória do futebol que incorporou a pelada', *Revista USP – dossiê futebol*, N. 22 (Jun. – Aug.), pp. 64-83.

Marcondes, F. C. (1986), *Violência das massas no Brasil*. São Paulo: Global.

Miceli, S. (1977), 'A força política que vem das arquibancadas' *Revista Isto É*. São Paulo: N. 42, pp. 16-18.

Pereira, L. A. M. (2001), *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Santos, J. F. (1988), 'Torcidas Organizadas: as gangues da paixão', *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 22 de maio, Suplemento Especial - Revista de Domingo, p. 11.

Silva, E. M. (1999), 'A violência no futebol e a imprensa esportiva', *Futebol, espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora.

Soares, L. E. (2000), 'Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência', *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco.

Thompson, E. P. (1998), *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras.

Teixeira, R. C. (2004), *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume.

Toledo, L. H. (2002), *Lógicas no futebol*. São Paulo: HUCITEC.

_____. (1996), *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Editores Associados.

Wisnik, J. M. (1992), 'Algumas questões de música e política no Brasil', *A cultura brasileira*. São Paulo: Ática.